

RECADO À MULHER AMADA

Manoel de Andrade



arte gráfica de Cleto de Assis.

Eu te juro, amor meu
que eu amava o canto das cigarras em dezembro,
o aroma dos bosques e da chuva,
mas o tempo, como uma lança,
fez sangrar minha ternura
e era preciso devolver os golpes cara a cara.
Era preciso partir
e inaugurar a vida novamente.

Era preciso partir
eu te asseguro.

Partir de busca em busca até morrer.

Agora..., eis-me aqui,
entre a poesia e um estandarte;
e contudo, desde o primeiro dia,
tu conhecestes esse pedaço de minh'alma.
Tu sabias do meu despojamento
e da minha esperança;
sabias das minhas navegações
e que eu vinha com uma infância de barcos e marinheiros.

Sim... é verdade...
por algum tempo tu me fizeste ancorar por tanto amor,
mas eu sempre fui um habitante do vento e da distância
e somente te pude amar com um coração feito caminhos.

Ai amada...
eu nunca aprenderei a regressar...
a vida me ensinou a partir sempre
e a dizer adeus ao que amei.
Meu próprio canto é uma despedida...
é sempre um passo a mais para o combate.
Talvez eu volte quando comece a florescer a rubra messe
quando sentir que cessaram os tambores
e que regresso entre os sulcos de uma aurora.

Mas agora... amor
eu sou a voz e o sangue de um guerreiro
e bem quisera incendiar-te com esse sol que trago dentro.
Eu bem quisera
e já quis tanto
que além desta ternura
e da espera,
fosses também a companheira do meu sonho
e uma península do meu punho
e do meu canto.

Cali, setembro de 1970